

Paranóia e Modernidade

Cláudia Perrone
UFRGS

O texto mais importante sobre a paranóia é o trabalho de Freud sobre as *Memórias de um doente dos nervos* de Daniel Paul Schreber. Em novembro de 1893, recém-nomeado juiz-presidente da Suprema Corte da Saxônia, ele sucumbe a um surto psicótico e é internado em uma clínica psiquiátrica de Leipzig. Ao receber alta, escreve uma narrativa autobiográfica que envolve conspiração política e êxtase sexual, ao contar a sua metamorfose em concubina de Deus.

Freud publicou seus comentários sobre a obra em 1911 e novas contribuições psicanalíticas surgiram no final dos anos 40, com o trabalho de M. Katen (Prado de Oliveira, 1997, p. 12). Em consonância com a indicação freudiana de considerar o texto uma longa associação livre, Katen busca a construção de um nó de verdade fantasmático.

Em seguida, aparecem comentários de autores da tradição inglesa como Richard Hunter e Ida Macalpine (1955) e Ronald Fairbairn (1956). Entre 1950 e 1960, o debate se estende aos EUA e, por fim, Lacan inicia a versão francesa dos comentários sobre o caso Schreber com o seu *Seminário, livro 3: as psicoses* (1956).

Lacan foi o primeiro a perceber a dimensão literária das *Memórias* (Prado de Oliveira, 1997, p.22) e considerou Schreber um verdadeiro discípulo da *Aufklärung*, aliás, um dos seus últimos expoentes. Algo irônico, ele sustenta que Schreber se expressa através de formas rigorosas e elegantes que se causam a impressão de um sistema filosófico. Lacan compara Schreber com São João da Cruz, Marcel Proust e Gerard de Nerval. Surpreendentemente, ele reconhece Schreber como escritor mas nega sua qualidade de poeta. Ele acredita que o poeta deve introduzir-nos em uma nova dimensão da experiência, gerando uma situação sem saída,

como argumenta Prado de Oliveira, pois (...) *consiste em negar ao louco de Schreber o que se atribuiu ao escritor* (1997, p. 23).

Octave Mannoni aceita a divisão lacaniana e postula, já de saída, uma divisão entre o sujeito e o autor. Enquanto autor, Schreber é um excelente escritor e, enquanto sujeito, é evidentemente louco, posição inversa a de Cervantes, um sujeito são que se faz passar por um louco. Mannoni vê a ruptura da loucura como uma falha que permite passar do cenário da escritura, no qual reina o autor, para o cenário do sujeito, no qual, para Schreber, reinam o inconsciente e o delírio. Cervantes, ao contrário, distingue a escrita e o sujeito. Mannoni conclui que o livro de Schreber não pertence ao reino da literatura, a não ser que o conceito de literatura fosse redefinido.

Mannoni, no entanto, percebe um dado novo: a separação entre autor e escritor não é da ordem das idéias claras e distintas. Retardatariamente, observa que Schreber ocultou a sua posição de autor com tal capacidade de auto-convencimento que acreditou escrever sobre ele próprio como um sujeito, estudando os estilhaços de uma implosão. O sujeito Schreber criou um autor lógico que observa um louco-objeto-Schreber.

Retomando a mesma berlinda de Mannoni, e ocupando-se das mesmas sobras, André Green (1977) considera que as *Memórias* pertencem, com pleno direito, ao campo literário. O relato do desmoronamento do presidente Schreber transforma-se, em ato contínuo, na representação da teoria do próprio Freud e compara o trabalho de escritura do psicótico como o do psicanalista. Esse debate culmina com o reconhecimento de Schreber como autor com Michel Foucault (1969), que se propõe a estabelecer uma diferença entre o autor no sentido literário e o autor no sentido de fundador de uma discursividade.

Em 1980, J. Gilbert adapta as *Memórias* para o teatro e em 1984 estréia em Nova Iorque um filme e um ensaio de Harry Smith, a partir de uma leitura do livro de Schreber, *A magia do céu e da terra*. Esse trabalho é base para uma ópera de Richard Zvonar, apresentada em Berkeley com o título de *Assassinato da alma*. Em 1993, Maria Caserta encena uma nova adaptação teatral, *Presidente Schreber*.

Novas linhas de pesquisa tem unido o personagem social e psíquico Schreber com o seu contexto político. A Alemanha, o nazismo e a sua articulação com a paranóia, o totalitarismo, o político e a modernidade tem uma abordagem original na obra de Eric Santner, *A Alemanha de Schreber* (1997).

Antes de discutir a interpretação de Santner, eu gostaria de abrir um parêntese e refletir sobre uma discussão de Micheline Enriquez sobre a feminização de Schreber. Ela volta a repisar argumentos utilizados por muitos comentadores: a feminização é o motor essencial do delírio de Schreber. Em torno de sua elaboração se dá a redação das *Memórias*.

A partir de então, inscrevi em minha bandeira, com plena consciência, o culto da feminilidade e, à medida que a consideração pelo ambiente o permita, continuarei a fazê-lo, pensem de mim o que quiserem aqueles a quem escapam as razões sobrenaturais. Gostaria de ver qual o homem que, tendo de escolher entre tornar-se um idiota com aparência masculina ou uma mulher dotada de espírito, não preferiria a última alternativa. Mas é desse modo e apenas desse modo que a questão se coloca para mim. O exercício da minha antiga profissão, à qual eu me dedicava com toda a minha alma, qualquer outro objetivo da ambição masculina, qualquer outra valorização da minha energia intelectual a serviço da humanidade, agora, dado o rumo que as coisas tinham tomado, tudo isso me fora subtraído; até mesmo o contato com a minha esposa e meus parentes, com exceção de eventuais visitas e trocas de cartas, me foi suprimido. Sem me preocupar

com o julgamento dos outros, permito-me tomar como guia um sadio egoísmo, que justamente me prescreve o culto da feminilidade de um modo que depois descreverei mais precisamente. Só assim consigo proporcionar ao meu corpo durante o dia um estado suportável e à noite, pelo menos em certa medida, obter o sono necessário á recuperação dos meus nervos; a volúpia muito intensa acaba por conduzir ao sono e talvez isso seja um fato conhecido pela ciência médica. (Schreber, 1995, p. 148)

Enriquez aponta o júbilo que vem unido a feminilidade como modo de atingir uma condição corporal suportável, em oposição a escolha forçada que se impôs a Schreber em novembro de 1895, apenas dois anos depois da internação e com intenso sofrimento persecutório. Havia uma conspiração contra Schreber com o objetivo de :

(...) confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo – numa compreensão equivocada a tendência inerente à Ordem do Mundo – devia ser transformado em um corpo feminino e, como tal, entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser “ deixado largado” , e, portanto, abandonado à putrefação .(p. 67)

No núcleo da feminização de Schreber, Enriquez observa a passagem de uma arbitrariedade, uma perseguição contrária à ordem do universo, sem possibilidade de salvação, que viola a carne e conduz à putrefação, a uma idealização, a um culto da feminilidade que se oferece a Deus sacrificialmente para mudar de sexo e estar na origem de uma nova ordem social e humana.

Schreber oscila entre dois impossíveis. As suas esperanças são (Enriquez, 2000, p. 37)

1. mudar de sexo ou possuir ambos;
2. ser o único salvador e o leito de Deus;
3. gerar de uma maneira sobrenatural sem nunca satisfazer o desejo sexual de um humano;
4. fazer do gozo uma beatitude infinita
5. escapar à morte.

A idealização adquire sentido e medida na reversão de uma perseguição que violenta o corpo e o pensamento, tumultuando os sentidos e o corpo pulsional, na seguinte ordem de perseguições:

1. ser vítima de uma castração radical;
2. ser destruído pela onipotência do outro;
3. ser condenado á esterilidade
4. ser sujeito a um sofrimento infinito;
5. estar sob constante ameaça de morte.

Enriquez reconhece que tal equilíbrio está ligado a um excesso de poder realmente exercido sobre ele. O encontro com a arbitrariedade provoca um conflito identificatório paroxístico cuja marca subjetiva é a ameaça constante de desobjetivação, sob a égide a pulsão de morte. Nenhuma experiência com a arbitrariedade poderia, por si só, fundar a psicose, mas

ela provoca uma tomada de posições psicóticas diante da realidade e seus limites, com um agravante:

(...) e isto de modo ainda mais acentuado quando se inscreve em um contexto histórico duradouro que de forma alguma seria fruto do acaso, mas de um projeto (cultural, educativo ou outro) racionalizado e valorizado. (2000, p. 37)

Há uma disjunção permanente, diante de tal tipo de projeto, entre um conjunto de atos e falas e as vivências que impõe e/ou proíbem certas fantasias, comportamentos e posições identificatórias, induzindo teorias delirantes primárias, sejam elas sobre a sexualidade ou esta ou aquela causalidade ou finalidade.

As análises sobre o caso Schreber nunca tiveram dificuldade em apoiar as suas argumentações no excesso disciplinar do seu pai, o célebre criador da ginástica médica de câmara, filho, neto e bisneto de uma linhagem de reformadores, juristas e “corretores de erros” que, sob a cobertura da educação, elaborou um erudito sistema de perseguição do corpo infantil por meio da constrição e repressão de todo prazer. O pai de Schreber, um homem originalmente frágil e adoentado, através dos seus esforços e de sua disciplina, adquiriu grande beleza e com cinquenta anos posava como modelo para as ilustrações do seu *Pangymnasticon*. (Enriquez, 2000, p. 38)

Os grandes temas schrebianos, segundo a organização de Enriquez, poderiam ser definidos como:

1. idealização odiosa da paternidade;
2. incessante questionamento sobre a procriação e a maternidade;
3. culto da beleza;
4. expansão narcísica;
5. submissão do corpo;
6. necessidade de sacrifício.

Enriquez vê a passagem do corpo perseguido para um corpo idealizado, mais por inveja e horror que por desejo de feminização. O paranóico organiza seus sistemas defensivos e interpretativos ao redor da feminização em suas modalidades naturais e culturais – a passividade, a beleza, o gozo, o secreto, a penetrabilidade, a capacidade de dar luz – para torná-la pensável e representável. Esse esforço, no entanto, está sempre sob o domínio da oscilação entre o amor e o ódio, a atração e a rejeição.

A ligação entre o caso Schreber e o núcleo paranóico da ideologia nacional-socialista foram estabelecidos por Elias Canetti em *Massa e Poder* (1960). Canetti trata as *Memórias* como um texto precursor de outra autobiografia paranóica escrita na prisão: *Mein Kampf* de Adolf Hitler. O elo entre a paranóia e a liderança totalitária, para Canetti, estava em um nível mais além do conteúdo histórico da trama conspiratória, já profundamente ligados ao perigo da contaminação e corrupção judaicas. Para Canetti, a estrutura de ligação tem um caráter formal: o paranóico e o ditador sofrem de uma doença do poder, explicitada em uma vontade patológica de sobrevivência e uma disposição de sacrificar tudo, mesmo que isso inclua a própria humanidade para mantê-la. As idéias de Canetti sofreram uma releitura psicanalítica, no início dos anos 70, por Morton Schatzmann que propôs um vínculo direto entre o despotismo microsocial da família Schreber com seu totalitarismo doméstico e a estrutura de caráter alemã da era nazista.

A análise de Eric Santner, ainda que em dívida com esses autores quanto às ligações profundas entre o material schrebiano e as fantasias sociais e políticas que atuaram no nazismo, marca um outro vértice para pensar a crise estrutural definidora da modernidade. Para Santner, esses impasses e conflitos remetem a mudanças na matriz da relação do indivíduo com a autoridade social e institucional, ao modo de se dirigir e responder ao chamamento do poder e da autoridade. Esses chamamentos:

(...) são, predominantemente, convocações à ordem, ritos e processos de **investidura simbólica** pelos quais um indivíduo é dotado de um novo status social, é investido de um mandato simbólico que, desse momento em diante, impregna sua identidade na comunidade. (Santner 1997, p. 10)

A investidura simbólica tem a “magia performativa” de tornar os indivíduos quem eles são, de dotar de essência social o que é atribuído através de nomes, diplomas e similares.

A modernidade, e a proliferação da histeria *fin-de-siècle* é sua marca de origem – sofre de uma profunda liquefação desses laços sociais performativos, que Santner define como crise de investidura. As descrições weberianas de anomia e vazio, associadas à ausência são insuficientes para descrever esse estado de coisas. Para Santner, o caso Schreber é central para entender vivencialmente a atenuação generalizada do poder e da autoridade simbólica como o colapso do espaço social e dos ritos da instituição do núcleo íntimo do sujeito. Os sentimentos gerados, paradoxalmente, não são de angústia e perda, mas de excesso de proximidade, de perda de distância de uma presença obscena e malévola que parece exercer um controle direto sobre o íntimo do sujeito. Essa é a forma histórica da angústia que rege a economia libidinal do nazismo e das formas modernas e pós-modernas do governo totalitário. Esse é o momento de perigo, na acepção benjaminiana, do totalitarismo.

Santner retoma um ponto cego da argumentação freudiana sobre a feminização de Schreber, o porque ele não pode compreender a explosão da libido homossexual no exato momento em que ocorre a nomeação para o cargo de *Senatspräsident* da Suprema Corte da Saxônia. O perigoso excesso desse poder remete, para Freud, ao *locus* do pai revivido na transferência com o médico Flechsig. Esse excesso é um excesso de desejo, uma ânsia primitiva e avassaladora pelo pai. Quando se depara com isso, Schreber se descobre submetido a um processo de feminização, de emasculação, que Freud apresenta como uma fantasia desejanse feminina, isto é, homossexual passiva.

A crise de Schreber foi uma crise de investidura. O poder e a autoridade simbólicos de um juiz, e de um varão alemão como acrescenta Santner, fundamentam-se, ao menos em parte, na magia performativa dos ritos da instituição, sustentados por um imperativo de produzir uma série regulamentada de desempenhos repetitivos. A compulsão idiotizada à repetição foi vivida como sexualizante, como uma exigência de cultivar o gozo. A forma que assume essa sexualização, feminizada e “judaizante”, sugere para Santner que na modernidade europeia o “saber” sobre o gozo era atribuído às mulheres e aos judeus. Esse lugar, no entanto, é o lugar amaldiçoado pois marca o que não pode ser diretamente reconhecido: que as identidades simbólicas são sustentadas pela performatividade como compulsão à repetição.

Os delírios de Schreber remetem a uma crise pertinente a esses ritos e processos, a uma inflexão desnorteante na relação que o sujeito mantém com eles. Essa é a história secreta da modernidade que ele nos apresenta. O sujeito é convocado a se dirigir a um espaço de vontade de autonomia e auto-reflexividade organizados, no mínimo, desde o Iluminismo. A regra simbólica desarticulou os indivíduos e como um todo simbólico doador de sentido, ela não pode mais ser vivenciada como plenamente fidedigna. A causação simbólica tornou-se uma literalização, uma causação mecânica e disciplinar. Schreber conseguiu evitar essa

tentação totalitária com uma série de identificações perversas que permitiram não apenas atuar, mas elaborar o paradoxo central da modernidade:

(...) o de um sujeito ser solicitado por uma vontade de autonomia em nome da própria comunidade que com isso é assim solapada, cuja própria substância é assim transposta para o sujeito. A elaboração fantasística que Schreber efetua desse paradoxo permite-lhe reencontrar o caminho para um contexto de solidariedade humana, sem ter que desmentir essa quebra de confiança fundamental, sem ter que curá-la com uma solução “final” e definitivamente redentora. (Santner, 1997, p. 170)

O texto autobiográfico de Schreber, retornando as questões iniciais dessas notas, pode ser aproximado das questões levantadas pela literatura de testemunho e claramente expostas por Márcio Seligmann-Silva: ela não é uma obra de “imitação”, mas de apresentação (*Darstellung*) do mundo.

Helena Scarry (1985) explora a idéia, a partir das práticas de tortura e de guerra, a dor *é o tecido (...) obscenamente vivo* do corpo humano, é convocado como fonte de verificação e substanciação da autoridade simbólica das instituições e fatos sociais que elas patrocinam. A fundamentação da função simbólica no corpo em sofrimento torna-se urgente, afirma Scarry, quando há uma crise de confiança ou legitimação numa sociedade. A crise de confiança, a falta das formas usuais de substanciação, toma por empréstimo a factualidade material do corpo humano para conferir ao construto “realismo” e “certeza” (1985, p. 14).

O corpo ferido torna-se o elemento inominável do real que fornece o esteio da ordem simbólica e contribui inconscientemente para fazer com que os fatos sociais – sejam eles governos, dinheiro, casamento, títulos – pareçam reais e não fictícios, enfim é a reformulação do conceito psicanalítico de transferência em temas sociais e políticos. O corpo ferido, pela complexidade dessa transferência, torna-se o atributo de uma disputa que, no momento, não tem nenhuma realidade própria independente (1985, p.124-5).

O que a guerra e a tortura tornam manifesto é:

(...) o processo mediante o qual um mundo de cultura fabricado adquire as características de “realidade”, o processo de percepção que permite que as idéias inventadas, crenças e objetos fabricados sejam aceitos e incorporados como se tivessem o mesmo estatuto ontológico do mundo naturalmente dado. (1985, p. 125)

As *Memórias* são uma confissão de putrescência. É o fragmento da voz da imundície que sustenta a representação da “onipotência” do regime, a auto-imagem gloriosa oferecida aos súditos. É um elemento perturbador da substanciação mimética¹.

Nota

¹Scarry observa que (...) faz parte do projeto original e permanente da civilização diminuir (e encontrar substitutos para) a confiança nesse processo de substanciação, e que esse processo, no Ocidente passa a ser associado com um aumento da pressão em prol da cultura material, ou da auto-expressão material (1985, p. 14).

Referências Bibliográficas

- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- ENRIQUEZ, Micheline. **Nas encruzilhadas do ódio**. São Paulo: Escuta, 2000.
- GREEN, A. *Transcription d'origine inconnue*. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**. N. 16, Paris: Gallimard, 1977, p. 27-63.
- LACAN, Jacques. *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *Seminário*. Livro 3 – **as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- MANNONI, O. **Fictions Freudiennes**. Paris: Seuil, 1978.
- _____. **Clefs pour l'imaginaire**. Paris: Seuil, 1969.
- NIEDERLAND, William. **O caso Schreber**: um perfil psicanalítico de uma personalidade paranóide. Rio de Janeiro: Campus, 1981.
- PRADO DE OLIVEIRA, Luiz Eduardo. **Freud y Schreber**. Las fuentes escritas del delirio. Buenos Aires: Nueva Vision, 1997.
- SANTNER, Eric. **A Alemanha de Schreber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- SCARRY, H. **The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World**. New York: Oxford University Press, 1985.
- SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- SELIGMANN-SILVA. *A história como trauma*. In: **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.
- _____. *Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção*. **Letras**, Santa Maria, jan. jun, 1998, p. 9-37.